

Apresentação

Este número da NUMEN dedicado à mística se propõe a apresentar uma coletânea de trabalhos de estudiosos estrangeiros sobre um tema que tem tido poucas publicações no país apesar do crescente interesse que esse assunto vem provocando. O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF através de sua área de concentração em Religiões Comparadas tem sido um dos pioneiros em realizar estudos, incentivar pesquisas de alunos e publicar material produzido por professores desta e de outras instituições, na área de Mística Comparada, portanto esse número especial faz parte desse esforço em estabelecer e consolidar esse campo de estudos no mundo acadêmico brasileiro.

O fato de que a mística passou a ser um tema atraente na atualidade tem sido atribuído a muitos fatores e não é possível analisá-los e discuti-los aqui. Restringir-me-ei a mencionar apenas que as mudanças que ocorreram na modernidade em relação às religiões, assim como o surgimento de novas formas de se lidar com o religioso onde a instituição religiosa perdeu lugar e surgiu uma busca mais individualizada que privilegia a necessidade de uma experiência religiosa de fato, são elementos que através de seus vários matizes influenciam e renovam esse interesse.

Os estudos selecionados privilegiam principalmente a mística islâmica ou sufismo. Sachiko Murata e Luce López-Baralt ressaltam aspectos mais comparativos entre essa tradição e outras. William Chittick compara dois autores sufis e Pablo Beneito trata da questão a partir de um estudo mais filológico da obra de Ibn Arabi. São todos estudos históricos, mas o de López-Baralt trata também da questão mística em um autor do nosso tempo, Jorge Luis Borges. Os quatro autores que ora apresentamos são autoridades internacionais indiscutíveis na área e é com muita satisfação que publicamos seus artigos que por seu rigor e erudição com certeza vão contribuir para o crescimento desses estudos no Brasil.

O primeiro artigo, "O Tao do Islã" de Sachiko Murata, nos oferece uma comparação ilustrativa entre o sufismo e o taoísmo, ajudando-nos a compreender a cosmologia islâmica ao ressaltar que a visão bipolar da realidade presente no taoísmo também se encontra no sufismo. Seu artigo é um excelente exemplo de um estudo comparativo

sério e pertinente. A autora nasceu no Japão onde se formou em direito e fez seus estudos doutorais no Irã. Atualmente ensina em Stony Brook, universidade americana situada no estado de Nova Iorque. Seus trabalhos tratam do sufismo em geral, do papel do feminino na mística sufi e da comparação do taoísmo e mesmo do confucionismo com o sufismo. Seu livro, que traz o mesmo nome do artigo, "The Tao of Islam", é um clássico e recomendo-o a todos que estejam estudando o sufismo. E, se me permitem um tom mais pessoal, afirmo que além de tudo prepara pratos japoneses e iranianos deliciosos e é uma delicada anfitriã.

William Chittick, autor do segundo artigo, compara dois grandes mestres do sufismo Ibn 'Arabi e Rumi. Seu trabalho é modelar e permite que se entenda que comparar é um trabalho sério e, portanto, não pode ser feito de uma maneira fácil. Seu ponto de partida é mostrar como a categoria "influência" é vaga e ambígua, a não ser que se apontem instâncias concretas de empréstimos entre um autor e outro que permitam que se afirme claramente o que um tomou do outro. Esclarece também o conceito conhecido como wahdat al-wujûd e termina por afirmar que fará apenas sugestões positivas que permitam entender semelhanças e diferenças entre os alvos e metodologias desses dois autores. Chittick é americano e fez seus estudos de pós-graduação no Irã, onde viveu por 12 anos, tendo então estudado com Seyyed Hossein Nasr e outros intelectuais iranianos. É professor também em Stony Brook, e autor de inúmeros livros sobre o sufismo, sendo que o último deles "Me and Rumi - the autobiography of Shams-i Tabrizi" traz pela primeira vez para o Ocidente textos do mestre de Rumi, o famoso Shams. Chittick também escreve em conjunto com Murata, que é sua esposa. Recentemente os visitei em sua casa e tive a surpresa de encontrar um acadêmico sério e um professor generoso e amigável, cujo conhecimento acumulado em anos de estudo de místicos sufis se traduz também numa prática de fato e num coração aberto.

O terceiro artigo foi escrito pelo arabista Pablo Beneito, jovem professor espanhol que já consolidou sua carreira acadêmica através de inúmeros trabalhos realizados principalmente sobre o grande mestre sufi Ibn 'Arabi. Neste artigo, através de traduções de textos de Ibn 'Arabi, Beneito aprofunda a questão da polaridade entre as qualidades divinas da Majestade e da Beleza, demonstrando que afinal a Majestade é inacessível ao humano e que é pela Beleza, que procede de Deus e se

dirige a nós humanos, que se manifestam os dois pólos. Seu artigo nos permite lembrar do *Mysterium Tremendum et Fascinans* que segundo Rudolf Otto é a essência do numinoso. Beneito recentemente passou um semestre em nosso programa de pós-graduação na Universidade de Juiz de Fora e sua companhia foi extremamente rica tanto para professores quanto para alunos. Pablo, como carinhosamente o chamamos, e sua companheira Pillar, também arabista, nos brindaram com suas presenças simpáticas e carinhosas com o exemplo de como é possível ser um acadêmico sem perder a sensibilidade para o caráter realmente transformador da realização espiritual, ou seja, sem transformar a mística “em um mero exercício intelectualizante”.

Luce López-Baralt contribui brilhantemente com o último artigo que traz a mística até nossos dias ao falar de Jorge Luis Borges. Partindo de um conto borgiano, a autora vai traçando a presença da mística islâmica e explicando diversos conceitos presentes nele. Sua grande erudição percorre toda a trama que ressalta a profunda relação de Borges com o pensamento sufi e sua familiaridade com essa tradição. Termina por mostrar que a obra do autor argentino assinala a impossibilidade radical de traduzir a experiência mística em palavras e sugere que Borges possivelmente também tenha vivenciado uma experiência mística. López-Baralt traz para interlocução autores como William James e místicos atuais como Ernesto Cardenal, tornando seu estudo rico e atual. A autora é professora da Universidade de Porto Rico, com inúmeros trabalhos publicados, muitos deles sobre a mística cristã e sua relação com o sufismo, pesquisando a obra de San Juan de la Cruz y Santa Teresa D'Ávila. É uma acadêmica reconhecida internacionalmente e foi encantadoramente disponível para conversar e contribuir com nossa revista.

O panorama delineado nesse número especial enfatiza, portanto, a importância e atualidade dos estudos de mística comparada, mostrando através dos artigos escolhidos algumas das várias possibilidades e ângulos pelos quais podem ser abordados. Para terminar essa apresentação não posso deixar de mencionar a importância da atuação do professor Faustino Teixeira, que através de sua aguçada sensibilidade tem liderado os esforços para que a mística comparada se torne entre nós uma rica e frutífera área de pesquisa.

Vitória Peres de Oliveira
Organizadora

Continuamos também nossa tradição de oferecer resenhas de obras pertinentes à área dos estudos sobre religião em geral. No presente número o prof. Antônio Gouvêa Mendonça, um colaborador já freqüente desta publicação, apresenta uma resenha que de fato é mais do que tal, a partir tanto de seu envolvimento pessoal quanto de suas informações históricas. Trata-se da obra de Leopoldo CERVANTES-ORTIZ, *Serie de Sueños: La Teologia Ludo-erótico-poética* de Rubem Alves. Além disso, o prof. Pedro Paulo A. Funari, da UNICAMP, contribui com uma resenha do estudo de Étienne TROCMÉ. Saint Paul, sobre a história e a vida do apóstolo cristão que defendeu a difusão do cristianismo entre os não judeus.

Como apêndice a este número, a revista volta a atualizar as dissertações e agora também as primeiras teses defendidas nos últimos períodos no PPCIR. Chamo a atenção do leitor para o fato de que exatamente nesta época, a partir de reflexões internas ao programa, foram modificados os nomes das áreas de concentração que o integram com o intuito de refletir melhor o caráter das pesquisas realizadas. Assim, desde 09 de junho de 2004, a antiga área Razão e Religião passou a chamar-se Filosofia da Religião; desde 06 de abril de 2005 a anterior Religião, Cultura e Sociedade teve sua designação alterada para Ciências Sociais da Religião; e a partir de 30 de junho de 2005, a área antes denominada Diálogo Inter-Religioso passou a ser chamada Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo. Desta forma, pode-se compreender as oscilações expostas na nomenclatura utilizada na listagem apresentada.

Expresso ainda um agradecimento especial aos estudantes Mário Werneck Filho e Heliane Miscali, respectivamente doutorando e mestranda no PPCIR, pelo auxílio na difícil tarefa de procurar caracteres compatíveis para a transliteração e reprodução da língua árabe, tão utilizada no presente volume. Procuramos respeitar as decisões individuais dos autores dos artigos na transliteração, de modo que esta não se padronizou de forma única em todo o fascículo.

Eduardo Gross
Editor